



## **(Re)pare: Intervenção Temporária em Hospital Universitário no Rio de Janeiro**

*(Re)pare: Temporary Intervention at University Hospital in Rio de Janeiro*

**Adriana Sansão Fontes**

ORCID: 0000-0003-0648-3894

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Ana Luisa Rocha Mallet**

ORCID: 0000-0001-9367-6349

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Brendha Leandro dos Santos**

ORCID: 0000-0002-7745-9157

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

### **Resumo**

O artigo aborda a humanização do cuidado em espaços de saúde por meio da articulação de diferentes campos da arte: literatura, artes visuais e arquitetura, utilizando como caso de estudo a intervenção (Re)pare (2019-2020). A ação temporária, realizada em 2019-2020, teve como objetivo ativar um dos espaços coletivos do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da UFRJ, localizado na Cidade Universitária, Rio de Janeiro. O inusitado e a força poética da intervenção transformaram um lugar de passagem em um ponto de encontro, indicando a possibilidade de uma arquitetura para a saúde mais "incorporada".

### **Palavras-chave**

Arte. Literatura. Humanização da assistência. Arquitetura hospitalar. Intervenção temporária

### **Abstract**

*The paper addresses the humanization of healthcare in medical spaces through the articulation of different art fields: literature, visual arts and architecture, using the intervention (Re)pare (2019-2020) as a case study. The temporary action, carried out in 2019-2020, aimed to activate one of the collective spaces of the Clementino Fraga Filho University Hospital, UFRJ, located in the Cidade Universitária, Rio de Janeiro. The unusual and poetic force of the intervention transformed a flow space into a meeting point, indicating the possibility of a more "embodied" architecture for health.*

### **Keywords**

*Art. Literature. Humanization of health care. Hospital architecture. Temporary intervention.*

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

## Introdução

Há algumas décadas, distintos teóricos vêm dedicando atenção ao enfraquecimento das relações humanas com e nos espaços públicos (Harvey, 1990; Sennett, 1994; Bauman, 2000; Ascher, 1998 e Augé, 1992), fenômeno resultante de um contexto marcado pela aceleração da vida contemporânea e pelas novas formas de engajamento dos indivíduos na cidade. Sennett (1994) nos chama atenção para os sentidos enfraquecidos e para os “corpos passivos” do ser humano pós-moderno, e de como o individualismo sedimentou o silêncio dos cidadãos, que se tornaram insensíveis ao mundo real. Esta condição, segundo ele, é em grande parte causada pela experiência da velocidade (Sansão-Fontes, 2013).

Como o desejo de livre locomoção triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move, o indivíduo moderno sofre uma espécie de crise tátil: deslocar-se ajuda a insensibilizar o corpo (1997, p. 214).

Nesse contexto, o espaço público – a rua, o comércio, o transporte – se torna um lugar mais para se passar a vista do que destinado a conversações (Sennett, 1997). Na mesma direção, Bauman (2001) reflete sobre o ser humano desapegado e superficial nas relações sociais, fato que concorre para um espaço urbano mais moldado pela hostilidade do que pela sociabilidade ou alteridade (Sansão-Fontes, 2013). Segundo ele, algumas características do momento atual de “modernidade líquida” são a perda da importância do espaço devido à instantaneidade, a incerteza favorecida por um mundo de laços sociais frágeis, e o caráter precário e descartável das experiências.

Entendendo os espaços coletivos hospitalares também como espaços públicos enquadrados no fenômeno anteriormente exposto, o objetivo deste artigo é discutir a possibilidade de humanização em espaços de saúde por meio da articulação de diferentes campos da arte: literatura, artes visuais e arquitetura, utilizando como caso de estudo a intervenção *(Re)pare* (2019-2020). A ação temporária, realizada em 2019-2020, teve como propósito ativar e transformar um dos espaços coletivos pouco interativos do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ (HUCFF-UFRJ), localizado na Cidade Universitária, Rio de Janeiro. Buscou-se, por meio de uma intervenção de baixo custo e curto prazo, impactar o local no sentido de promover reflexões acerca do papel da arte na humanização do cuidado, como um contraponto à velocidade e indiferença do cotidiano, despertando a sensibilidade e o engajamento pessoal de alunos e profissionais de saúde que frequentam o local.

Partimos dos seguintes questionamentos: será possível capturar a atenção de um usuário cotidiano em um espaço dedicado à saúde? Como e onde essa interação seria realizável? A articulação de diferentes saberes pode auxiliar nessa operação? Consideramos que as intervenções temporárias são capazes de promover vínculos entre as pessoas e os lugares, colaborando para o desenvolvimento da empatia necessária ao

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

processo de humanização do contexto da arquitetura hospitalar, e, conseqüentemente, para uma arquitetura mais “incorporada”, resultante da prática dos usuários ordinários dos espaços coletivos.

O texto está organizado em quatro seções. Parte da discussão sobre o contexto hospitalar e a humanização do cuidado, apoiando-se em Rios (2012) e em documentos do Ministério da Saúde (Brasil, 2004), seguido da discussão sobre as intervenções temporárias como possibilidades de ativação e apropriação de espaços coletivos, fundamentada nas reflexões de Jacques (2011), Bey (2001), Sansão-Fontes (2013) e Pallamin (2002). Posteriormente, após uma breve discussão sobre a transdisciplinaridade apoiada por Morin (2005) e Snow (1959), o caso e seus resultados são apresentados, seguidos da discussão sobre as formas de apropriação, “incorporação” e humanização desencadeadas pela intervenção.

### Contexto hospitalar e humanização do cuidado

A necessidade da humanização do cuidado em saúde envolve, antes de tudo, uma discussão sobre a que nos referimos quando usamos o termo humanização, já que este se presta a várias interpretações. Utilizamos como principal referência para “humanização” a Política Nacional de Humanização (PNH) do Ministério da Saúde (Brasil, 2004), onde são ressaltados alguns aspectos referentes ao termo, entre eles: (1) oposição à violência nos serviços de saúde, seja a violência física, psicológica ou simbólica; (2) melhoria da qualidade dos serviços prestados; (3) articulação técnica, ética e relacional entre usuários e profissionais de saúde.

Outro aspecto cuja importância é ressaltada ao falarmos de humanização é o estabelecimento de relações que permitam a expressão da intersubjetividade entre os participantes do ato de cuidar. Rios (2012) discute a humanização como o processo de construção de uma ética relacional que recupere valores humanísticos esmaecidos pelo cotidiano institucional ora aflito, ora desvitalizado.

Uma atenção especial aos aspectos da intersubjetividade e à sensibilidade não se observa apenas entre o indivíduo usuário do sistema de saúde, mas também no ambiente físico em que se dá essa interação. Quando o ambiente hospitalar é analisado, encontramos um espaço em que predomina a falta de personalização, a imparcialidade e a impessoalidade. Muitas vezes a humanização é entendida e vivenciada como algumas medidas que atuam principalmente em alterações estéticas no ambiente, nem sempre acompanhadas de medidas percebidas como facilitadoras do acolhimento.

Um exemplo de uma atuação no ambiente que pouco contribui para uma verdadeira humanização, no sentido de acolhimento e possibilidade de expressão de subjetividades, é muitas vezes identificado em espaços hospitalares que procuram se modificar apenas do ponto de vista estético. Isso ocorre sem que essas mudanças venham acompanhadas de alterações em todos os momentos de interação entre o usuário de saúde e aquele que o atende, seja do ponto de vista da relação profissional de saúde-paciente seja do ponto de vista instituição-paciente. Como exemplo dessas medidas unicamente estéticas, que efetivamente pouco contribuem para a humanização do

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

cuidado, podemos citar a preocupação excessiva de transformação de espaços hospitalares em ambientes que se aproximam de instalações hoteleiras, com restaurantes e chefs de cozinha de primeira ordem, mas cujo acesso é restrito apenas aos profissionais médicos. Pianos de cauda em lobby de hospitais, que intimidam qualquer um que queira fazer uso do instrumento desde que não seja um excelente pianista. E por esse caminho poderíamos apresentar vários exemplos.

Acreditamos que a modificação do ambiente hospitalar através de intervenções artísticas pode ir muito além de um tratamento superficial do espaço, e por essa razão estivemos durante quase nove meses, tempo de uma gestação, pensando em uma pequena intervenção que pudesse contribuir, de forma criativa, para uma maior aproximação entre os frequentadores desse ambiente de trabalho caracterizado pela monotonia espacial. Portanto, este trabalho apresenta uma possibilidade de (re)vitalização do ambiente hospitalar unindo a ideia do acolhimento à intervenção estética, complexificando e dando consistência à ação.

### **Intervenções temporárias para uma arquitetura incorporada**

Diante do contexto contemporâneo e do quadro de neutralidade da arquitetura para a saúde, como é possível incentivar a interação humana? O que presenciamos na experiência cotidiana dos espaços de saúde são o que Jacques (2011) denomina como “espaços desencarnados”, aqueles marcados pelo empobrecimento ou mesmo a total ausência da experiência corporal dos usuários cotidianos. Convencida de que não existe arquitetura sem apropriação, e de que são as experiências corporais que validam os projetos (Jacques, 2011), a autora chama a atenção para a necessidade de uma arquitetura mais “incorporada”, resultante da prática corporal dos usuários cotidianos.

Nesse sentido, intervenções temporárias são capazes de estabelecer zonas de tensão, momentos extraordinários capazes de disparar processos de apropriação. Bey (2001) apresenta o conceito de Zonas Autônomas Temporárias (TAZ)<sup>1</sup>, espécies de rebelião, operações de guerrilha que ocupam clandestinamente determinados espaços para realizar seus propósitos festivos, antes de se desfazerem para ocupar outros lugares. Ou seja, ações que operam como breves experiências de pico, tanto em nível social quanto individual. Segundo ele:

A TAZ é “utópica” no sentido que imagina uma intensificação da vida cotidiana ou, como diriam os surrealistas, a penetração do Maravilhoso na vida. Mas não pode ser utópica no sentido literal do termo, sem local, ou “lugar do lugar nenhum”. A TAZ existe em algum lugar. (Bey, 2001)

1- Tradução do termo em inglês *Temporary Autonomous Zones*.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

Intervenções temporárias aparecem com o impulso de transformar os espaços, na forma de ações de curta ou longa duração. Abordadas por Sansão-Fontes (2013) enquanto “interferências”, ações intencionais que visam influir sobre o desenvolvimento de determinados espaços, intervenções temporárias são as pequenas ações efêmeras e contestatórias que rompem com a escrita contínua e homogênea do cotidiano. Além de transitórias, elas são moldadas pelas seguintes dimensões: contém doses de subversão do espaço; buscam interagir com o usuário e ativar o espaço passivo, colocando-o em movimento; envolvem a participação de indivíduos ou grupos em sua construção; estimulam as relações sociais; e são motivadas por situações particulares (Sansão-Fontes, 2013), operando segundo as características formais de contextos específicos, os tais “lugares” definidos por Bey (2001).

Enquanto ações que buscam incorporar a fruição humana, estabelecer zonas de tensão, ativar e transformar os espaços públicos/coletivos, intervenções artísticas ganham especial atenção na contemporaneidade. Segundo Pallamin (2002), a arte pública tem o potencial de ressignificar os espaços. As práticas artísticas podem proporcionar situações inéditas, desestabilizar expectativas e criar novas convivências, estando sua potência radicada na possibilidade de deslocar sentidos, desregular valores cristalizados e abrir novas extensões do espaço vivido (Sansão-Fontes, 2013). A intervenção artística temporária *(Re)pare* (2019-2020) está fundamentada nessas bases conceituais.

### **Intervenção (Re)pare para ativação do HUCFF**

#### *Antecedentes e transdisciplinaridade*

Projetado pelo arquiteto Jorge Machado Moreira e equipe, em 1949, o HUCFF-UFRJ é um dos cinco exemplares da arquitetura moderna brasileira construídos no campus universitário da Ilha do Fundão<sup>2</sup>. Inaugurado em 1978,<sup>3</sup> o edifício possui 13 pavimentos e atende a população da cidade do Rio de Janeiro e de outros municípios do estado. Visto do exterior, é um gigante na paisagem da Cidade Universitária (Figura 01a). Conta, atualmente, com 200 leitos e um fluxo de cerca de mil consultas por dia, atendendo casos de alta complexidade. Seus interiores comportam ambientes monótonos e que pouco promovem interações entre as pessoas (Figuras 01b-01e), o que é percebido em seu pé direito elevado (que embora seja adequado ao conforto ambiental, gera uma ambiência pouco acolhedora), vãos e corredores longos, por vezes estreitos para o fluxo de passantes, e em grandes halls e espaços vazios por entre as enfermarias e salas de aula. Um desses locais marcantes são as escadas, locais de fluxo intenso e acelerado que conectam verticalmente toda a edificação. O hospital possui três conjuntos, enclausurados e fechados por pesadas portas corta-fogo de metal, que

2- Os outros quatro edifícios construídos, projetados pelo arquiteto, são o Instituto de Puericultura, as Faculdades de Arquitetura e de Engenharia e a Oficina Gráfica. O projeto original previa doze edifícios, porém, só cinco foram construídos.

3- Entre o início da obra (1950) e a inauguração (1978), houve várias interrupções, não só por escassez de recursos, mas também por motivos políticos – principalmente à época da ditadura militar. (A IMPLANTAÇÃO DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO, 2022).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

são frequentados diariamente por estudantes de diversos cursos e profissionais da área da saúde, funcionários, pacientes e visitantes. Foram projetadas como escadas de emergência, ainda que não cumpram as normas atuais para tal.



Figuras 01a-01e: Vista externa e espaços internos do Hospital Universitário, marcados pela monotonia e repetição. Novembro de 2019. Fonte: acervo pessoal.

Confrontados com a inércia hospitalar divergente da necessária humanização do cuidado, um grupo de médicos-professores e alunos da Faculdade de Medicina da UFRJ (FM-UFRJ), chamado “Arte na Veia-UFRJ”<sup>4</sup>, identificou a urgência de modificar artisticamente o ambiente hospitalar. A iniciativa partiu de um debate do livro “Ensaio sobre a cegueira” de José Saramago (Saramago, 1995), quando questões sobre o exercício da alteridade e de se colocar no local do outro foram discutidas. Tais ideias fluíram para o desejo de transformar um espaço no hospital por meio da exposição de frases do livro. Com o conceito definido, mas sem as ferramentas para produzir a intervenção, buscou-se colaboração com outra área do saber: a arquitetura. Assim, o Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT-PROURB/FAU-UFRJ)<sup>5</sup> foi convidado para pensar em maneiras de espacializar as citações no edifício.

4- O Grupo Arte na Veia é um projeto de extensão acadêmica presente em 4 faculdades de medicina no Rio de Janeiro-RJ. Na Faculdade de Medicina da UFRJ, iniciou suas atividades em abril de 2019 e tem como objetivos a divulgação e promoção de uma educação médica em contato com a arte e a criação de atividades artísticas para a sociedade.

5- O LabIT-PROURB/FAU-UFRJ foi criado em 2015 e se dedica ao estudo das intervenções temporárias e do urbanismo tático como formas de transformação positiva da cidade do Rio de Janeiro.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

Desse modo, estabelecem-se várias articulações importantes entre quatro diferentes campos para a realização desta ação. A primeira é a medicina encontrando a literatura, como forma artística de identificação de angústias e sofrimentos do cotidiano da profissão e seu aprendizado. Por meio dela, é possível contribuir na formação de futuros médicos, atraindo-os para um olhar clínico mais sensível. Em segundo lugar, a medicina buscando a arte, como meio expressivo educativo e reflexivo sobre uma temática da área da saúde. Ainda, a medicina em contato com a arquitetura, campo de saber capaz de criar e modificar espaços, adequando-os para melhor apropriação das pessoas. Finalmente, arquitetura, arte e literatura estreitam seus laços por meio da intervenção proposta, resultando em uma múltipla interação. E não menos importante foi a interação entre estudantes e profissionais de campos distintos, que é rara em uma lógica educativa polarizada, onde as áreas do conhecimento estão distantes e independentes entre si (Figura 02).

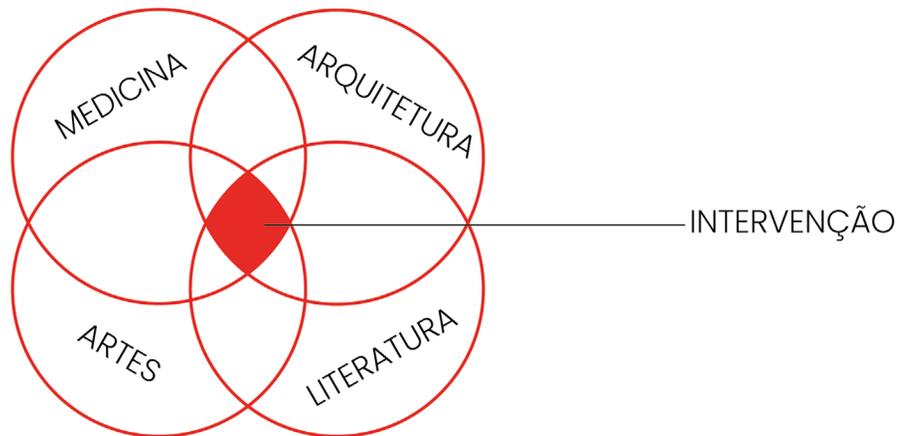


Figura 02: Articulação entre as 4 disciplinas. Fevereiro de 2022.  
Fonte: acervo pessoal.

Assim, a partir de um objetivo comum acreditamos ter colocado em prática o conceito de interdisciplinaridade, mantendo-se um diálogo efetivo entre diferentes "disciplinas" que preservaram sua estruturação e suas fronteiras. No entanto, não podemos falar de interdisciplinaridade sem trazer à tona o conceito de transdisciplinaridade, por muitos considerada uma utopia, mas que, na visão de Morin (2015), pode passar a existir a partir de um olhar que reflita a complexidade do mundo e onde não haveria fronteiras entre as disciplinas, que manteriam, no entanto, sua singularidade na formulação de um saber comum.

A fragmentação do saber é sempre associada à teoria cartesiana, que com a separação corpo/mente contribuiu para teorias futuras que reforçaram essa divisão. Um texto clássico do físico e romancista inglês Charles Percy Snow, de 1959, trata da polarização entre os mundos da ciência e das humanidades criticando a oposição entre cientistas e humanistas, sendo os humanistas aqueles que não conhecem os conceitos básicos de ciência e os cientistas os que não conhecem as dimensões psicológicas, sociais e éticas dos problemas científicos, ou seja:

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

dois grupos comparáveis em inteligência, não muito distantes em origem social... mas que haviam cessado quase totalmente de se comunicar entre si. (Snow, 1995, p.18)

Snow conclui pela necessidade de construção de pontes entre essas “duas culturas”, colocando em pauta a discussão da relação entre as “disciplinas”.

Morin (2015) reforça a crítica à fragmentação e superespecialização do saber ressaltando que também as chamadas “humanidades” não estão imunes a ela e que o especialista corre o risco de tornar-se ignorante de tudo o que não diz respeito diretamente ao seu campo restrito de conhecimento, colocando a discussão sobre o pensamento complexo em seu aspecto dialógico, que “ao mesmo tempo separe e associe, que conceba os níveis de emergência da realidade sem os reduzir às unidades elementares e às leis gerais”.

### *A intervenção*

Partindo da premissa de articular a necessidade do acolhimento à ação estética por meio de uma intervenção temporária “incorporada”, a ideia da intervenção foi capturar a atenção do passante, provocando-o com frases de impacto dispostas de maneira não óbvia, instigante, de forma que fosse necessária uma maior permanência no local para compreensão e apreensão da proposta.

A intervenção atendeu a três fases, pré-produção, montagem e fruição do espaço, tendo gerado alguns desdobramentos. Na etapa de pré-produção, o grupo da Medicina se dedicou a uma seleção inicial de trechos favoritos da obra, enquanto a equipe da Arquitetura visitou o HUCFF e juntos escolheram o local a sofrer intervenção: as paredes do subsolo, os três primeiros pavimentos e os respectivos patamares das escadas mais utilizadas do hospital, uma rota comum a pacientes, alunos, profissionais da saúde e funcionários. Assim, quatro fragmentos da obra foram definidos: um para cada pavimento<sup>6</sup>. A seguir, foi realizada uma pesquisa de referências de arte pública, que foi objeto de discussão pela equipe. Entre as possibilidades, pensou-se em ocupar os espelhos das escadas, o teto e as janelas de corredores próximos com múltiplas técnicas e materiais, tais como papel, grafite, adesivos e giz, permitindo a criação de murais (para os passantes escreverem), estêncil (que formasse palavras com a sombra da luz das janelas), tipografias e desenhos (que pudessem criar ilusões visuais) e até colagem de páginas do livro nas paredes. Finalmente, o grupo optou por aplicar os quatro trechos de texto selecionados com duas técnicas distintas, uma para cada patamar (principal e intermediário): pintura perspectivada, e adesivos no Sistema Braille não tátil. Em seguida, o texto foi adaptado ao espaço, mantendo-se as frases originais. Com isso, colagens digitais foram feitas para simular a ação no local (Figuras 03a-03f).

6- Os fragmentos foram: “Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma.” “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.” “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” “O difícil não é conviver com as pessoas, o difícil é compreendê-las.” (Saramago, 1995).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

Figuras 03a-03f: Colagens digitais conceituais da proposta escolhida. Novembro de 2019.  
Fonte: acervo pessoal.

A montagem ocorreu na manhã de um sábado (23 de novembro de 2019), período em que o HUCFF possui baixo fluxo de pessoas, e foi executada por estudantes de Medicina e Arquitetura, médicos e arquitetos, professores da UFRJ, além de um artista visual. Com o auxílio de um projetor, as frases foram projetadas em planos de diferentes profundidades e orientações, distorcendo suas letras como em um quebra-cabeças (Figura 04a). A seguir, foram marcadas com giz apagável (Figura 04b) e pintadas com tinta acrílica vermelha (Figura 04c). Já os adesivos, contendo as mesmas frases no Sistema Braille não-táctil, foram posicionados e fixados na parede do patamar referente à mesma escrita em perspectiva (Figura 04d-04f). Desse modo, a compreensão não era óbvia a um olhar apressado, já que, quando em perspectiva, apenas era possível ler com nitidez se o observador estivesse no ponto de vista adequado e, no Sistema Braille não-táctil, necessitava do conhecimento do código para que um leitor pudesse entender. Nas duas maneiras, os passantes eram provocados a exercer a alteridade ao confrontar-se com a dificuldade de decifrar a mensagem em uma primeira tentativa (Figuras 05-08).

## PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001



Figuras 04a-04f: Processo de montagem no local. Novembro de 2019. Fonte: acervo pessoal.



Figuras 05a-05c: Intervenção no primeiro pavimento com a frase "Se eu voltar a ter olhos olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma." (Saramago, 1995) na perspectiva frontal (05a), distorcida (05b) e em Braille (05c). Novembro de 2019. Fonte: acervo pessoal.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

Figuras 06a-06c: Intervenção no segundo pavimento com a frase "Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos." (Saramago, 1995) na perspectiva frontal (06a), distorcida (06b) e em Braille (06c). Novembro de 2019. Fonte: acervo pessoal.



Figuras 07a-07c: Intervenção no pavimento técnico (entre 2º e 3º) com a frase "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara." (Saramago, 1995) na perspectiva distorcida (07a), frontal (07b) e em Braille (07c). Novembro de 2019. Fonte: acervo pessoal.



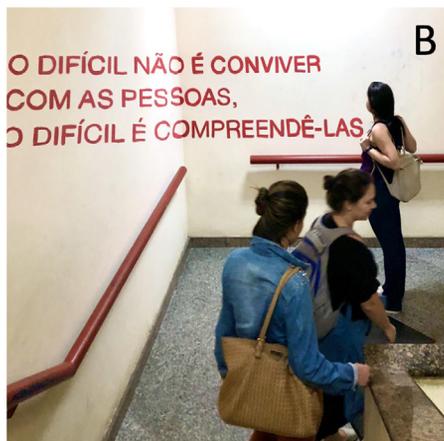
## PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

Figuras 08a-08c: Intervenção no terceiro pavimento com a frase "O difícil não é conviver com as pessoas, o difícil é compreendê-las." (Saramago, 1995) na perspectiva distorcida (08a), em Braille (08b) e na vista frontal (08c). Novembro de 2019. Fonte: acervo pessoal.



Figuras 09a-09c: Fruição do espaço pelos usuários do hospital. Novembro de 2019. Fonte: acervo pessoal.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

A fruição do espaço pelos usuários, estudantes, profissionais e funcionários do hospital se deu ao longo dos sete meses de duração da intervenção. Nesse período, muitos foram flagrados em grupos observando as frases e “dançando” pelo espaço, em busca do ponto ideal para se ler o texto com nitidez (Figuras 09a-09c). Esse momento significou uma (re)apropriação do espaço, sendo a intervenção o elemento atrativo/interativo de um novo ponto de parada e encontro, onde os espectadores puderam interagir com a obra e entre si.

(Re)pare (2019-2020) ultrapassou os muros da Universidade e teve desdobramentos em eventos acadêmicos na área da medicina e da arquitetura, tendo destaque em vários deles (Santos et al, 2020a; Santos et al., 2021; Muniz et al., 2021), recebeu um prêmio (Santos et al., 2020b) e teve repercussão na mídia (Gois, 2019; Motta, 2020) e em redes sociais. No primeiro dia útil de apropriação, mais de 50 publicações foram identificadas nas redes sociais com comentários positivos e sensíveis, o que foi retomado durante o isolamento social acarretado pela pandemia da Covid-19, em 2020, quando se reativaram as postagens sobre a intervenção, resgatando-se o debate sobre humanidades em um momento em que este se fez tão necessário (De Oliveira et al., 2020).

A ação foi concebida considerando uma curta permanência, tendo operado como um momento especial de quebra da rotina. Instalada em 23 de novembro de 2019, não estabelecia limite de duração, assim, após sete meses, em junho de 2020, foi removida, quando o hospital entrou em reformas e as paredes foram novamente cobertas pelo branco hospitalar.

### **Apropriação e repercussões**

Após a observação dos resultados da intervenção em todas as suas etapas, é possível discutir de que forma os conceitos principais mobilizados neste artigo efetivamente tiveram repercussão na apropriação do local, sejam eles a transdisciplinaridade da ação, a humanização do cuidado e a ideia de uma arquitetura “incorporada”.

Ao longo de todo o processo, ficou visível a gradual articulação disciplinar realizada, necessária para dar uma resposta ao problema apresentado: os quatro diferentes campos do saber, normalmente pouco interativos, como medicina, literatura, arquitetura e artes, puderam operar em conjunto na transformação do lugar. Articulações bilaterais são mais comuns (arquitetura e artes, por exemplo), no entanto, a transdisciplinaridade, no sentido de eliminar fronteiras e de operar coletivamente para a produção de novos saberes, é de mais difícil implementação.

Inicialmente, acreditamos ter colocado em prática o conceito de interdisciplinaridade, mantendo um diálogo entre as diferentes disciplinas que mantiveram sua estruturação e suas fronteiras. No entanto, posteriormente, julgamos que demos um pequeno passo além, a partir do investimento em um pensamento mais complexo sobre o mundo que nos cerca, ultrapassando as próprias disciplinas na formulação de um novo saber (Morin, 2005), trabalhando no sentido da transdisciplinaridade.

A divisão em disciplinas talvez seja necessária para organizar e delimitar conhecimentos de forma a facilitar a aprendizagem. Mas essa estratégia não pode abdicar do reconhecimento da riqueza do diálogo e do seu potencial transformador.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

Especificamente, no que toca a etapa de montagem, houve a possibilidade de diálogo entre onze alunos, mesclando graduação e pós-graduação e quatro docentes dos cursos de Medicina e Arquitetura, reunindo conhecimentos de duas áreas distintas do saber e enfatizando o potencial que a Universidade abriga para a construção de projetos transdisciplinares. Acreditamos que, com a intervenção *(Re)pare* (2019-2020), demos um pequeno e tímido passo para além da fragmentação, e esperamos conseguir avançar ainda mais com iniciativas futuras.

A construção desta proposta em um dos mais importantes locais de fluxos do hospital, a escada, foi uma escolha estratégica para propiciar a ruptura espaço-temporal (Sansão-Fontes, 2013) necessária para a apropriação, interação e reflexão, uma breve experiência de pico que caracteriza uma TAZ (Bey, 2011). Nesse sentido, a apropriação do espaço antes “desencarnado” (Jacques, 2001) foi imediata, iniciando nas primeiras horas do primeiro dia útil após a montagem. Usuários que antes somente atravessavam o local, neste momento foram capturados pelo inusitado da intervenção e pela possibilidade de “desvendar” o conteúdo das mensagens de Saramago. Assim, o que pudemos observar foi o intenso movimento corporal desordenado na busca do ponto de vista ideal para leitura dos trechos em perspectiva, reação que comprova a validação e “incorporação” da intervenção (Jacques, 2011) pelos usuários cotidianos, que dela se apropriaram, no sentido de entendê-la como própria e adequada. A obra foi responsável, portanto, por deslocar os sentidos dos passantes, desregular seus valores cristalizados em relação ao espaço preexistente, e abrir novas extensões do espaço vivido (Pallamin, 2002) do Hospital Universitário.

Interação menor foi observada nos trechos em braille, talvez pela maior dificuldade de leitura e interpretação desta escrita. Vale comentar que não foi deixada nenhuma pista ou instrução sobre o significado das inserções em braille, o que pode ter tornado essa parte da proposta um pouco hermética ou incompreensível.

Logo na manhã da 2ª feira seguinte ao sábado de montagem da intervenção, alguns dos responsáveis do *(Re)pare* (2019-2020) da Faculdade de Medicina foram contactados pela direção do Hospital para uma reunião “urgente”, com a argumentação de que a intervenção estava “causando muito impacto” no local. Só após essa conversa, a diretoria efetivamente entendeu do que se tratava algo que anteriormente já havia sido autorizado oficialmente por ela.

“Causando muito impacto!” Essa frase despertou sensações contraditórias, afinal, seria ingenuidade pensar que quatro grandes paredes do hospital pintadas com frases de Saramago em vermelho não causassem impacto. E era exatamente o que queríamos. Mas, sem dúvida, tínhamos uma tarefa: avaliar se esse impacto teria sido positivo ou negativo.

Tentamos entender se a sensibilização pretendida foi alcançada buscando relatos de visitantes, professores e alunos. Entre os relatos dos visitantes, percebemos destaques para a beleza e a originalidade da novidade, em como esta representou um “alento” e “tocou fundo no coração”, em meio a tempos difíceis, pela esperança na humanidade. Além disso, mencionam a intervenção como caminho para enxergar sob um novo ponto de vista, colocar-se no lugar de outra pessoa (Figuras 10a-10e), colocando

## PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

em prática a “construção de uma ética relacional que recupere valores humanísticos esmaecidos pelo cotidiano institucional ora aflito, ora desvitalizado” (Rios, 2012). Já os alunos participantes do (Re)pare (2019-2020) descreveram a experiência como marcante para sua formação acadêmica, pelo caráter participativo, desde o início, e pelo contato com um curso distinto.

**A**

Quando eu era mais nova - e não sei dizer o por que - me afilhava muito ao "o amor bate na porta". Quando eu era em setembro (quem agora já não sou cometi V., Amanheço os dias e os dias correm). Cheguei olhando um "reune de restrição hídrica". Já nos conhecemos na intimidade de quem segura a porta para a boca e no banheiro. Já vi a gente se atropela.

**B**

Quando eu era mais nova - e não sei dizer o por que - me afilhava muito ao "o amor bate na porta". Quando eu era em setembro (quem agora já não sou cometi V., Amanheço os dias e os dias correm). Cheguei olhando um "reune de restrição hídrica". Já nos conhecemos na intimidade de quem segura a porta para a boca e no banheiro. Já vi a gente se atropela.

**C**

Quando eu era mais nova - e não sei dizer o por que - me afilhava muito ao "o amor bate na porta". Quando eu era em setembro (quem agora já não sou cometi V., Amanheço os dias e os dias correm). Cheguei olhando um "reune de restrição hídrica". Já nos conhecemos na intimidade de quem segura a porta para a boca e no banheiro. Já vi a gente se atropela.

**D**

Quando eu era mais nova - e não sei dizer o por que - me afilhava muito ao "o amor bate na porta". Quando eu era em setembro (quem agora já não sou cometi V., Amanheço os dias e os dias correm). Cheguei olhando um "reune de restrição hídrica". Já nos conhecemos na intimidade de quem segura a porta para a boca e no banheiro. Já vi a gente se atropela.

**E**

Esse foi o período mais intenso da faculdade até agora. Perdi meu avô, fui diagnosticada com depressão, me recuperei de uma cirurgia, passei a acompanhar de perto todos os dias os mesmos pacientes na enfermaria e, por isso, a conhecer suas dores e histórias. Essa foi uma das que escrevi e, não sei muito o porque hoje fez sentido pra mim compartilhar. Eu já me questionei muito sobre a faculdade. Quase tranquei esse período por acreditar que a medicina não era pra mim. Mas hoje um ser iluminado me disse que a medicina é sobre ouvir e contar histórias. E isso eu sempre amei como nenhuma outra coisa. Talvez eu não seja a melhor pessoa pra te explicar as mínimas alterações celulares de um câncer de tireoide. Mas os ouvidos atentos não me faltam. E espero que a sensibilidade e a empatia nunca falem também.

Figuras 10a-10e: Exemplos de relatos dos usuários nas redes sociais. Novembro de 2019. Fonte: acervo pessoal.

Houve um investimento afetivo e mesmo financeiro dos grupos envolvidos na realização da intervenção, pois não contamos com qualquer patrocínio institucional. Durante cerca de nove meses estivemos nos reunindo para as mínimas decisões quanto a todo o processo. Talvez por se tratar de nossa primeira intervenção coletiva, com todas as incertezas envolvidas, não tenhamos realizado uma discussão mais profunda sobre como avaliar o seu impacto, seja do ponto de vista qualitativo ou quantitativo. Ou seja, não previmos uma avaliação pós-ocupação e não contamos com uma tecnologia para sua realização. Certamente, a necessidade de um método para verificação dos impactos da intervenção é um aprendizado que levamos para futuras ações.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

### Considerações finais

No início deste artigo, colocamos os seguintes questionamentos: será possível capturar a atenção de um usuário cotidiano em um espaço dedicado à saúde? Como e onde essa interação seria realizável? A articulação de diferentes saberes pode auxiliar nessa operação?

A ação demonstrou a relevância da valorização do espaço hospitalar, transformando-o em um ambiente mais acolhedor, interativo e promotor de reflexões acerca das relações interpessoais e do cuidado em saúde. Isso foi possível mediante o deslocamento provocado pela arte, por meio da inserção da literatura em um local inusitado para sua exposição -um lugar de fluxo dentro do ambiente hospitalar-, com a colaboração de diferentes saberes. O inusitado e a força poética da intervenção transformaram um lugar de passagem em um ponto de encontro, indicando a possibilidade de uma arquitetura para a saúde mais “incorporada”.

A pressa do cotidiano pode deixar invisível a “humanidade” envolvida no cuidado em saúde, tanto daquele que cuida, como daquele que é alvo do cuidado. O inusitado e a beleza da intervenção, amalgamados com a força poética de Saramago, ao se colocarem no caminho comum a pacientes, funcionários e, principalmente, na rota propedêutica de estudantes da área da saúde, transformaram um lugar de passagem em ponto de encontro, promovendo a interatividade dos passantes entre si e com o espaço ativado. Afinal, para cuidar de pessoas e não apenas de suas doenças, é preciso conhecê-las. É preciso reparar nelas para re-pará-las. Com arte. (Re)pare!

### Referências

- A IMPLANTAÇÃO do Hospital Universitário. Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, 2022. Disponível em <http://www.hucff.ufrj.br/institucional/historico> Acesso em: 21 fev 2022.
- ASCHER, François. “*Mobilité e temps de la vie quotidienne*” In: *Les débats sur la ville 1. Bordeaux: Éditions Confluences, 1998.*
- AUGÉ, Marc. Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994. (Ed. original 1992)
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (Original 2000)
- BEY, Hakim (2001). TAZ: The Temporary Autonomous Zone, Ontological Anarchy, Poetic Terrorism. Recuperado em: [http://hermetic.com/bey/taz\\_cont.html](http://hermetic.com/bey/taz_cont.html).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza-SUS. Política Nacional de Humanização do Ministério da Saúde: a humanização como eixo norteador das práticas e gestão em todas as instâncias do SUS. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
- DE OLIVEIRA, R. G. B. et al (2020). A arte e o estudante de medicina: experiências antes e durante o isolamento social. *DIVERSITATES International Journal*, v. 12, n. 2, p. 48-69.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46  
Jul/Dez 2021  
e-ISSN: 2179-8001

- GOIS, Ancelmo. (2019). *Hospital do Fundão estampa em seus corredores frases de... José Saramago*. O Globo. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/hospital-do-fundao-estampa-em-seus-corredores-frases-de-jose-saramago.html>
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993. (Ed. original 1990)
- JACQUES, Paola Berenstein. *Microrresistências urbanas: por um urbanismo incorporado*. In: ROSA, Marcos L. *Micro planejamento: práticas urbanas criativas*. São Paulo, Editora de Cultura. 2011.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre. Editora Sulina, 5ª edição, 2015.
- MOTTA, João Pedro Steinhauser. (2020). *Editorial Olhos abertos. Revista Pulmão RJ, 29 (1). Em Sociedade de Pneumologia e Tisiologia do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.sopterj.com.br/wp-content/themes/\\_sopterj\\_rede-sign\\_2017/\\_revista/2020/1-editorial.pdf](http://www.sopterj.com.br/wp-content/themes/_sopterj_rede-sign_2017/_revista/2020/1-editorial.pdf)*
- MUNIZ, B. V. et al. (2021) *Intervenciones Artísticas temporales en el hospital universitario de Río de Janeiro. Apresentação oral na Quinta Jornada de Medicina Narrativa de la Universidad de Valparaíso y Segunda de Humanismo en Salud: "Hacia el cultivo de la compasión 11 y 12 de junio de 2021*.
- PALLAMIN, Vera. "Arte urbana como prática crítica". In Pallamin, Vera M. (Org). *Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana*. SP: Estação Liberdade, 2002.
- RIOS Izabel Cristina; SCHRAIBER Lilia Bima. *Humanização e Humanidades em Medicina*. São Paulo. Editora Unesp 2012.
- FONTES, Adriana Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. Casa da Palavra, 2013.
- SANTOS, B. L. et al. *Intervenção artística temporária no hospital universitário Clementino Fraga filho: uma estratégia para humanização do cuidar*. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA, ARTÍSTICA E CULTURAL. 2021. *Anais*. Rio de Janeiro (RJ) UFRJ, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/jgmictac/313735-INTERVENCAO-ARTISTICA-TEMPORARIA-NO-HOSPITAL-UNIVERSITARIO-CLEMENTINO-FRAGA-FILHO--UMA-ESTRATEGIA-PARA-HUMANIZACA>. Acesso em: 11/07/2021 00:28
- SANTOS, B. L., et al. *Intervenção Artística Temporária em Hospital Universitário: uma Ferramenta para Humanização do Cuidar*. Pôster apresentado no 58º Congresso Brasileiro de Educação Médica como Relato de Experiência. Niterói, 12 a 18 de outubro de 2020a.
- SANTOS, B. L., et al. *Intervenção Artística Temporária em Hospital Universitário: uma Ferramenta para Humanização do Cuidar*. Apresentação oral no IV Congresso Acadêmico de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 7 de novembro de 2020b.
- SARAMAGO, José. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. D.F.: Companhia das Letras.
- SENETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 1997. (Ed. original 1994)
- SNOW, Charles Percy. *As duas culturas e uma segunda leitura*. São Paulo. Edusp. 1995.



### **Adriana Sansão Fontes**

Arquiteta e Urbanista pela FAUFRJ, Mestre e Doutora em Urbanismo pelo PROURB-FAUFRJ, com Estágio Doutoral e Pós Doutorado pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona - ETSAB/UPC, Espanha. Professora Associada da FAUFRJ e do PROURB e Coordenadora do Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT). Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e Pesquisadora PQ2 do CNPq.

### **Ana Luisa Rocha Mallet**

Médica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrado e doutorado em cardiologia - UFRJ. Graduação em Literatura de Línguas Inglesas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutorado em Literatura Comparada (UERJ). Médica UFRJ, professora de medicina da Universidade Estácio de Sá. Participante do Projeto de Extensão Arte na Veia - UFRJ.

### **Brendha Leandro dos Santos**

Médica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda em Ciências Morfológicas no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB-UFRJ). Residente em Medicina de Família e Comunidade pela Secretaria Municipal de Saúde - Rio de Janeiro. Estuda o neurodesenvolvimento pós-natal no Laboratório de Neuroanatomia Celular (ICB-UFRJ). Interessada no uso da arte como terapia, é voluntária no projeto de extensão Arte na Veia-UFRJ.

---

**Como citar:** FONTES, Adriana Sansão; MALLET, Ana Luisa Rocha; SANTOS, Brendha Leandro dos Santos. (Re)pare: Intervenção Temporária em Hospital Universitário no Rio de Janeiro. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, RS, v. 26, n. 46, jul-dez. 2021. ISSN 2179-8001.

Doi:<https://doi.org/10.22456/2179-8001.122694>.

---